

## **LITERATURA EM ARMAS GUERRILHA, VIOLÊNCIA E REVOLUÇÃO EM MAYOMBE**

Aulus Mandagará Martins (UFPeL) <sup>1</sup>

### **Introdução**

Este artigo pretende discorrer sobre a pertinência das ideias de Frantz Fanon, defendidas em *Os condenados da terra* (1961), na leitura de *Mayombe* (1980), de Pepetela, indagando de que forma a posição ideológica do romancista, bem como a violência histórica, na confluência da guerrilha e revolução colonial, se relacionam com a construção do texto literário. Trata-se, pois, mais de um "estudo de caso" do que propriamente uma discussão teórica sobre os temas em questão. Nesse sentido, aponta-se a hipótese de uma convergência de Fanon na percepção de Pepetela a respeito da guerrilha, da violência e da revolução, temas que recebem, por assim dizer, uma solução literária, e que permitem considerar em *Mayombe* uma determinada "estética da violência" ou "estética da guerrilha".

O que possibilita, de início, uma aproximação entre Frantz Fanon e Pepetela é evidentemente o pano de fundo histórico. Ambos se inserem no contexto das guerras de libertação africana, que eclodiram no continente a partir dos anos 50 e se estenderam até meados da década de 70. *Mayombe* foi escrito entre 1970-1971, em plena guerra de libertação angolana, sob o influxo de tantos outros levantes armados que eclodiram na África a partir dos anos 50. É no contexto dessas guerras de libertação colonial, decorrentes da consolidação de um pensamento anticolonialista, que surge, em 1961, *Os condenados da terra*. Acrescente-se, ainda, que tanto Pepetela quanto Fanon participaram em maior ou menor grau dos conflitos armados, o que nos permite estabelecer a hipótese de uma articulação dessa experiência direta e factual com a reflexão do sentido histórico desses episódios violentos, um no âmbito da narrativa literária, outro no do ensaio.

## **Fanon, a primazia do vivido e a violência**

Frantz Fanon nasceu em Fort-de-France, Martinica, em 1925. Formado em medicina, trabalhou em um hospital psiquiátrico na França por quinze meses, antes de ser designado, em 1953, para o hospital de Blidá, na Argélia, um ano depois da publicação de seu primeiro livro, *Pele negra, máscaras brancas*. Na África, depara-se com uma máquina colonial impulsionada pelo racismo e pela violência. Exercendo as funções de médico psiquiatra, observou o cotidiano da violência física e psicológica do colonialismo e as identificou como as causas da alienação e despersonalização de seus pacientes. Na esteira dessa prática profissional, intensifica sua militância política, organizando uma rede clandestina de apoio aos combatentes, escrevendo textos e proferindo palestras, em que denunciava a estrutura colonialista e seus efeitos sobre o colonizado. Em 1960, Fanon descobriu que sofria de uma leucemia mielóide. Foi nesse período em que lutava contra a doença, com a consciência de que lhe restavam poucos meses de vida, que Fanon redigiu *Os condenados da terra*, publicado em novembro de 1961, algumas semanas antes de sua morte.

O traço fundamental dos escritos de Fanon é, segundo Alice Cherki (2005, p. 13), que “o desenvolvimento da argumentação é fundado não sobre o teórico mas sobre o vivido”. Essa ênfase na experiência, da qual se retira a matéria da reflexão teórica, propicia tanto um maior comprometimento com a causa abraçada, abandonando, desse modo, pelo menos em parte, o distanciamento crítico que costuma pautar o debate intelectual, quanto uma tomada de posições ideológicas mais explícitas e, talvez, radicais. Segundo a mesma autora, Fanon “escreve a partir de sua experiência singular, a partir da história imediata, do seu mergulho nessa história, experiência que lhe é necessário elaborar e transmitir.” (CHERKI, 2005, p. 13) Essa postura talvez ilumine a própria estrutura de *Os condenados da terra*, texto que se caracteriza pela mistura de gêneros e discursos, num entrelaçamento de filosofia, política, cultura, psicologia.

A primazia do vivido sobre o teórico pode deixar a escrita maleável a eventuais excessos retóricos. Parece ser esse o caso de *Os condenados da terra*, em que “afirmações irresponsavelmente grandiosas” (ARENDR, 2009, p. 36) conferem ao texto uma dicção febril e apaixonada. De fato, não é difícil encontrar nas páginas de Fanon exemplos dessa retórica: “o colonizado é um invejoso” (FANON, 2005, p. 56), “o colonialismo só desiste com a faca na garganta” (FANON, 2005, p. 78) ou “a existência da luta armada indica que o povo decide só confiar nos meios violentos” (FANON, 2005, p. 102).

Essas e outras tantas declarações no mesmo tom valeram-lhe a acusação ou pelo menos a desconfiança de que seu pensamento celebra a violência. Grande parte da fama de apologista da violência, Fanon deve-a a Jean-Paul Sartre, que, em seu famoso prefácio à primeira edição de *Os condenados da terra*, parece exaltar a violência pela violência, como nesta conhecida passagem: “Leiam Fanon: saberão que a loucura assassina é o inconsciente coletivo dos colonizados” (SARTRE, 2005, p. 35).

De qualquer forma, talvez a evidente retórica não tenha sido a única causa da repercussão de Fanon, cuja obra inspirou uma geração de intelectuais e ativistas, que não só encontraram nas páginas de *Pele negra, máscaras brancas* ou *Os condenados da terra* um preciso diagnóstico da situação imperialista, como, sobretudo, um programa de ação para combater o racismo e violência inerentes àquele contexto.

Já no parágrafo de abertura de *Os condenados da terra*, o autor lança o polêmico pressuposto, cuja análise encontra-se no centro de sua reflexão: “a descolonização é sempre um fenômeno violento” (FANON, 2005, p. 51). O termo *violência*, no pensamento de Fanon, segundo a observação de José Luís Cabaço e Rita Chaves, envolve uma gama de situações e sentidos, incluindo tanto a violência física quanto a psicológica, a força bruta, o poder, a coerção, o embate armado, a contraviolência e a autodestruição (CABAÇO; CHAVES, 2004, p. 83). Embora não seja fora de propósito dizer que a violência em Fanon cumpra uma função catártica, pelo revide do colonizado, também é verdadeiro afirmar que a violência não pode ser entendida *tout court* como

uma manifestação em si, sem outra finalidade além do exercício da vingança.

Na descrição de Fanon, o colonialismo originou-se e manteve-se graças a uma série de procedimentos violentos, que contribuíram, em sua forma mais extrema, na cisão do mundo, não em duas classes, mas em duas "espécies". Fruto de um complexo e constante processo de despersonalização e bestialização, o colonizado é banido a uma "espécie" totalmente outra, estranha, que, enquanto tal, deve ser mantida afastada (espacial e simbolicamente) da "espécie" colonizadora. Entre o mundo do colonizado e o do colonizador há um abismo somente transposto pelos mecanismos da violência. Para dar conta dessa situação, Fanon elabora o conceito de "atmosfera de violência" (ou "violência atmosférica") a fim de designar a violência permanente, entranhada em todas as relações, e que se manifesta sob diversas formas, como a já citada bestialização e decorrente alienação do colonizado.

Nas malhas da violência a que sempre foi submetido, coube ao colonizado ou a petrificação despersonalizante diante do colonizador ou a violência pulsional, manifestada através de atitudes de autodestruição, como o suicídio ou as guerras tribais, ou outras atitudes agressivas que somente dão vazão à violência episódica e catártica, e que, sendo gesto individual, não promove a libertação do sistema opressivo.

É, pois, na passagem dessa "atmosfera de violência" para uma "violência em ação" (FANON, 2005, p. 89) que se opera a descolonização. Assim, Fanon destaca a dimensão histórica e política da violência como a "mediação real", possível, para a "libertação" (FANON, 2005, p. 104), e apregoa uma "práxis violenta totalizante" (FANON, 2005, p. 112). Não mais a violência do indivíduo contra si próprio ou contra os da sua "espécie", mas a violência organizada que, unificando os "condenados da terra" em um projeto de libertação, tem por objetivo "demolir" e "desmantelar" o mundo colonial.

## ***Mayombe*, o útero da revolução**

Conforme já mencionado, *Mayombe* inscreve-se no debate político que mobilizava o contexto africano e, no caso específico, a sociedade angolana, assumindo inequívoca posição ideológica, anticolonialista e revolucionária. É importante observar que esse posicionamento ideológico não atuava apenas no plano político (pela reivindicação da libertação nacional) mas na articulação com uma esfera mais abrangente, a cultural (pelo resgate ou construção de uma cultura pela perspectiva do colonizado). É nesse cenário, portanto, que *Mayombe* se insere, atuando nestas duas "frentes": na "trincheira política", definindo posições e posturas de combate armado ao colonialismo, e na "trincheira literária", propondo substituir as narrativas do colonizador por narrativas do colonizado. Desse modo, a leitura do romance de Pepetela pretende verificar a relação dessa ideologia (anticolonialista, revolucionária, guerrilheira, convergindo, em parte, com o pensamento de Fanon) com a construção do universo diegético.

O título do romance indica o cenário predominante da narrativa, não apenas como o lugar em que as ações transcorrem, mas principalmente como o lugar em que o guerrilheiro é formado, tanto do ponto de vista militar (através do treinamento de manobras e táticas guerrilheiras), quanto moral, ético e intelectual (através de um amplo debate a respeito dos valores e ideais inerentes ao indivíduo que adere à luta armada). Daí que uma das imagens recorrentes na construção de seu espaço narrativo é a percepção de Mayombe como útero, símbolo não apenas de acolhimento e proteção dos guerrilheiros, mas gestação do ideal e da práxis revolucionária:

O Mayombe tinha aceitado os golpes dos machados, que nele abriram uma clareira. Clareira invisível do alto, dos aviões que esquadrihavam a mata tentando localizar nela a presença dos guerrilheiros. [...] E os homens, vestidos de verde, tornaram-se verdes como as folhas e castanhos como os troncos colossais. [...]

Assim foi parada pelo Mayombe a base guerrilheira  
(PEPETELA, 1982, p. 70)

As manobras guerrilheiras, o intenso debate político entre as personagens, seus impasses ideológicos e conflitos pessoais configuram um processo de formação e, propriamente, amadurecimento do guerrilheiro como agente da transformação política. A opção pelas armas como instrumento revolucionário não elimina a necessidade de uma “descolonização do ser”, como alerta Fanon. Mayombe será, pois, o espaço em que essa descolonização é gestada, cumprindo-se, dessa maneira, o quesito fundamental da gênese do herói guerrilheiro.

### **O triunfalismo guerreiro e a queda trágica**

O herói que protagoniza a revolução é definido no paratexto do romance, que desempenha a função de dedicatória:

Aos guerrilheiros do Mayombe,  
que ousaram desafiar os deuses  
abrindo um caminho na floresta escura,  
Vou contar a história de Ogun,  
o Prometeu africano. (PEPETELA, 1982, p. 1)

Numa leitura mais “pós-colonialista”, a referência Ogun e Prometeu poderia significar a articulação de dois pólos ou vertentes culturais: a cultura africana e a europeia. Aponta para a miscigenação cultural inerente ao colonialismo e procura legitimar a cultura africana pela universalização, equiparando um de seus mitos a um mito fundador da cultura ocidental. Noutra direção, é possível destacar três aspectos: (a) ênfase positiva nos guerrilheiros do Mayombe, cujas ações são postas no mesmo plano de Ogun e do gesto de Prometeu; (b) o tom épico conferido à narrativa e (c) a construção de um auditório.

Por essa perspectiva, não importa tanto a legitimação da cultura africana, de seu nivelamento com a cultura europeia, mas a construção de uma imagem acerca da ação política dos guerrilheiros, que é qualificada, significativamente, com a força dos mitos de Ogun (deus africano do ferro e da guerra) e de Prometeu (deus grego que concedeu o fogo aos homens). Essa articulação é um pouco paradoxal ou ambígua, pois aponta para conteúdos que não se equivalem, como “sinónimos culturais” (ou seja, Ogun não está para a mitologia africana como Prometeu está para a mitologia grega), mas que se justapõem e inter-relacionam para compor uma rede de significados que nem Ogun nem Prometeu dariam conta sozinhos. O paradoxo, contudo, funde o triunfalismo guerreiro com a queda trágica. Herói armado e herói vencido; herói viril e herói subjugado.

Ao entrelaçar simbolicamente o guerrilheiro do Mayombe a Ogun e Prometeu, Pepetela concebe um modelo ideal do herói combatente. De um lado, retoma um conteúdo inserido na cultura africana ancestral, a virilidade e a índole guerreira de Ogun, e o atualiza para o contexto político da época; assim, o apelo a Ogun é também o apelo à luta armada, em uma perspectiva revolucionária. É interessante, ainda, observar que Ogun é um mito do sistema ioruba, não pertencente, pois, ao território angolano, o que sugere que Pepetela não está pensando apenas na questão pontual de Angola, mas sim numa perspectiva mais abrangente, o continente africano. Assim, a opção por Ogun é uma espécie de solução africana para os problemas africanos. De outro lado, a referência a Prometeu indica uma diferente dimensão do herói guerrilheiro. Da mesma forma que seu antecessor mítico, eles tomaram partido do mais fraco, diminuíram, através de seu gesto revolucionário, a distância entre os dois lados e inauguram uma nova era.

### **O rapsodo político**

*Mayombe* assume um tom épico, nem tanto por sua temática bélica, mas principalmente pela dicção que o narrador adota na dedicatória (a fórmula

“vou contar” remete ao relato dos feitos exemplares dos heróis). À maneira do rapsodo épico, Pepetela costura as mais variadas vozes que se cruzam dialeticamente na trama narrativa, vozes que propõem teses e perspectivas a respeito da guerrilha e que são postas em relação de antítese, até se formular, no epílogo, a síntese do herói revolucionário, como veremos a seguir. A fórmula narrativa “vou contar” atualiza também a materialização do narrador diante de um auditório. Esse recurso já denominado de “dimensão griótica” por Ana Mafalda Leite (*apud* SALGADO, 2001, p. 172), ou seja, a presença do *griot*, o detentor da palavra na tradição africana. Acrescentaríamos a essa interpretação que se trata de uma politização da palavra e do espaço; o auditório como lugar político, ou seja, de trocas discursivas entre os membros de uma comunidade.

A diegese de *Mayombe* é dominada por um narrador onisciente, cujo discurso é às vezes interrompido por manifestações, em primeira pessoa, de alguns guerrilheiros que compõem o elenco de personagens do romance – Teoria, Milagre, Mundo Novo, Muatiânvua, André, Chefe do Depósito, Chefe de Operações, Lutamos, Comissário Político. Essas intervenções dos narradores homodiegéticos, anunciadas em fragmentos nominados em caixa-alta e texto em itálico, rompem (inclusive graficamente) com o domínio do narrador onisciente, que, por assim dizer, abre mão de sua prerrogativa para dar aos guerrilheiros o direito de auto-expressão, conferindo ao texto um efeito de polifonia, pelo confronto de vozes que concorrem à narrativa:

#### EU, O NARRADOR, SOU MILAGRE

*Vejam a injustiça. Eu, Milagre, vim de Quibaxe, onde os homens atacavam o inimigo só com catanas e a sua coragem, eu vim de longe, o meu pai foi morto, a cabeça levada pelo trator, para ver agora um dos nossos, amarrado, seguir para o Congo, amarrado, porque ficou com cem escudos dum traidor de Cabinda! Eu, Milagre, nasci para ver isso!* (PEPETELA, 1982, p. 67)



Cada uma dessas vozes traduz uma perspectiva ideológica acerca dos temas centrais do romance, indicando a multiplicidade de pontos de vista presentes no debate histórico-político, desde questões mais conceituais (o sentido da revolução, a moral do guerrilheiro) quanto contextuais (o tribalismo, o sexismo, o dogmatismo). Desse modo, cria-se um efeito de polifonia, em que as “verdades” das personagens entrecruzam-se, problematizando uma suposta enunciação autoritária, seja por parte do narrador heterodiegético, seja por parte das personagens que desempenham, mesmo que temporariamente, o papel de narradores.

Contudo, a respeito dessa multiplicidade de vozes, é preciso observar que nem todas as personagens adquirem o estatuto de narradores, e que, se a voz é dada a alguns, uns falam mais do que outros e em posições diferentes na narrativa. Desse modo, é relevante atentar não apenas para o que as personagens falam, mas também para a organização de suas falas na estrutura narrativa. Assim, o romance, no primeiro capítulo, apresenta seis manifestações, oriundas de dois narradores homodiegéticos, Teoria e Milagre, e, na última página, no Epílogo, a fala do Comissário Político. Observa-se, ainda, que as vozes dos guerrilheiros vão se tornando cada vez mais raras ao longo da narrativa, o que marca o domínio, cada vez mais acentuado, do narrador onisciente. O quadro abaixo ilustra as intervenções dos narradores guerrilheiros ao longo da narrativa:

	Cap. 1	Cap. 2	Cap. 3	Cap. 4	Cap. 5	Epílogo
Teoria	3					
Milagre	3					
Mundo Novo		2				
Muatiãnvua		1				
André			1			
Chefe do Depósito			1			
Chefe de Operações				2		
Lutamos					1	
Comissário Político						1

Desse modo, é possível concluir que as vozes são submetidas a uma dialética, que se estende de Teoria ao Comissário Político. A voz que fecha o romance, depois de ouvidas todas as opiniões e perspectivas, funciona como a síntese da dialética do guerrilheiro, a palavra final, a voz que nenhuma outra rebate, nem mesmo a do narrador onisciente. Além de tudo, é interessante observar que o último narrador altera a fórmula pela qual os narradores se apresentavam: "Eu, o narrador, sou..." para "O narrador sou eu, o Comissário Político", sugerindo a resolução do debate acerca da voz narrativa mais pertinente ao relato:

O NARRADOR SOU EU, O COMISSÁRIO POLÍTICO

*A morte de Sem Medo constituiu para mim a mudança de pele dos vinte e cinco anos, a metamorfose. Dolorosa, como toda metamorfose. Só me apercebi do que perdera (talvez o meu reflexo dez anos projetado à frente), quando o inevitável se deu. (PEPETELA, 1982, p. 268)*

### **O "elo violento da grande corrente"**

De fato, no arco que se estende do discurso de Teoria ao do Comissário Político, é possível vislumbrar a construção do ideal revolucionário, que, na visão dialética a que a discussão é submetida, evolui de uma postura mais centrada no verbo utópico (que, entretanto, mal disfarçam os sentimentos mesquinhos, sectários ou individualistas dos guerrilheiros) para a práxis transformadora da realidade. Os codinomes dos guerrilheiros parecem apontar para essa trajetória, que supera a "teoria", o "milagre", o "mundo novo" em direção a uma tomada de consciência mais coletiva e organizada do movimento revolucionário. Nesse sentido, as perspectivas defendidas por Teoria, Milagre e Novo Mundo (o racismo, o tribalismo e o dogmatismo ideológico) não passam pelo crivo crítico tendo em vista a construção do que Fanon chama de "práxis da violência totalizante":

Para o colonizado, a vida só pode surgir do cadáver em decomposição do colono. [...] Mas acontece que, para o povo colonizado, essa violência, porque ela constitui o seu único trabalho, reveste características positivas, formadoras. Essa práxis violenta é totalizante, pois cada um se faz um elo violento da grande corrente, do grande organismo violento surgido como reação à violência primeira do colonialista. Os grupos se reconhecem entre si e a nação futura já é indivisa. A luta armada mobiliza o povo, isto é, ela o joga numa única direção, de mão única. (FANON, 2005, p. 111-12)

Os narradores em primeira pessoa iniciais de *Mayombe*, sobretudo Teoria e Milagre, encontram-se naquele estágio da “atmosfera de violência”, em que o ideal revolucionário ainda não se desprende do desejo de vingança do colonizador ou puro e simples revide da violência sofrida. Os guerrilheiros em cujos codinomes é possível ler uma consciência mais coletiva e organizada da violência, como Chefe de Operações e Lutamos, preparam a tomada de consciência verdadeiramente revolucionária, aquela expressa pelo Comissário Político e da qual se fala explicitamente em “metamorfose”. A síntese realizada pelo Comissário Político assinala a passagem da percepção difusa da violência como mero instrumento de fins revanchistas para a sua compreensão (da luta armada) como caminho para a libertação do povo subjugado.

Por esse prisma, é significativa a posição ocupada na diegese pelo personagem André. Trata-se do único narrador que não se encontra em treinamento na base do *Mayombe*; sua função é servir de ponto de contato entre os guerrilheiros embrenhados na floresta e as organizações que forneciam apoio ao movimento armado, recolhendo fundos e provendo a base dos recursos necessários para o seu funcionamento (armas, alimentos). No entanto, André (também o único narrador a não possuir um codinome de guerra, registre-se) logo corrompe os ideais revolucionários, desviando para proveito próprio os recursos angariados para o movimento. A intervenção narrativa de André cinde a diegese em dois momentos, separando os discursos dos narradores que, embora engajados na luta armada, ainda possuíam uma

